

## Apresentação

O quinto número da DIAPHONÍA, Revista dos Discentes do Curso de Filosofia da UNIOESTE, promovida pelo Grupo PET [Programa de Educação Tutorial], torna público mais uma edição primada pelo rigor e pela originalidade, ao marcar, consideravelmente, uma posição qualificada em termos de produtividade de pesquisa no contexto nacional da área. Nesse sentido, não deixa de ser oportuno registrar sobre a grata satisfação que a DIAPHONÍA manifesta quanto à recomendação do conceito B5 na última avaliação Qualis/CAPES. Essa indicação expressa, significativamente, um gesto de reconhecimento quanto ao caráter inovador e propulsor desse projeto. O que sinaliza, portanto, que a Revista está logrando cumprir sua vocação acadêmica, em especial, a pesquisa que se inicia desde a graduação.

Nessa direção, no âmbito de seu formato, o número inicia com a edição da **Secção Entrevistas**, cujo convidado, nessa ocasião, é um dos primeiros professores visitantes do Programa PET, **Prof. Dr. Sirio Lopez Velasco (FURG)**. Uruguaio de nascimento, mas radicado no Brasil, há décadas, o docente reconstituiu seu próprio percurso intelectual na Filosofia, sua militância como intelectual, sua colaboração com o Grupo PET, e, ademais, a perspectiva que se abre, em termos de política acadêmica no país.

A **Secção Artigos** é composta de quatorze colaborações. Assim, como é do perfil da Revista, a edição é prestigiada com a contribuição resultante das pesquisas individuais desenvolvidas em seminários pelos acadêmicos bolsistas ou demais alunos do Curso de Filosofia (Graduação e Pós-graduação) da UNIOESTE, além, é claro, de transpor todo caráter endógeno, abrindo, pois, espaço para a colaboração externa de autores (em diferentes níveis de formação) vinculados a outras instituições. O primeiro artigo, é mais uma colaboração do professor **Sirio Lopez Velasco** em que discorre sobre o tema da democracia, em particular, desde a conjuntura político-social brasileira. Trata-se de ressignificar a própria ideia de democracia, uma “democracia participativa”, à luz da perspectiva em torno do que o autor conceitua como “ecomunitarismo”. Já **Luis Alberto Luna**, no segundo artigo, “Representação e produção do espaço: duas conceituações analisadas por Henri Lefebvre”, aborda a relação entre representação e espaço social, elaborada por Henri Lefebvre no sentido de descortinar o modelo de desenvolvimento econômico, sustentado por uma valorização do capital e a desvalorização da força de trabalho. O terceiro texto “A resposta do homem e de Deus: a existência”, **João Eduardo Lamim** avalia que diante de uma construção histórica, o antropocentrismo moderno esfacela a própria ideia de natureza. Daí resulta a necessidade de um imperativo ético capaz de reverter esse quadro cuja expressão máxima se encontra numa ética do cuidado. O texto quarto, “O indivíduo e as éticas kantiana e utilitarista”, de autoria de **Sara Louise A. A. Peixoto**, analisa as éticas kantiana e

utilitarista comparando-as e descrevendo-as como faces diferentes, mas filhas da mesma “mãe”: a modernidade. **Cinthia Almeida Lima**, em “O Jovem Hegel: escritos teológicos dos períodos de Stuttgart a Iena” revive o jovem Hegel, a partir de uma relação mais estreita entre filosofia e religião pondo um especial acento a uma variedade de temas que envolve desde o judaísmo, o cristianismo e outras religiões. Em “João Escoto Erígena: razão em função da fé”, **Juliana Tibério** contextualiza a relação entre a razão e a fé, bem como a distinção entre autoridade humana e autoridade divina empreendida ao longo da obra do filósofo irlandês Erígena. Em “Os catalisadores e suas formas de resistência e luta na teoria crítica de Herbert Marcuse”, **Renê Ivo da Silva Lima** apresenta as formas de resistência e luta dos catalisadores na teoria crítica de Herbert Marcuse partindo da seguinte interrogação: quais são as tendências da sociedade unidimensional que podem reativar o pensamento e comportamento revolucionário da classe trabalhadora? Já **Caroline de Paula Bueno**, em “Sartre e a teoria das emoções: um estudo preliminar”, objetiva reconstituir, via a perspectiva sartriana, um panorama sumário acerca da teoria clássica das emoções sob o ponto de vista crítico de sua ontologia fenomenológica existencial tendo como pano de fundo as diversas teorias psicológicas e fisiológicas, dominantes no século XIX, acerca das emoções. Em “A ambivalência do mal na obra de Hannah Arendt: quando a banalidade implica o radical”, **Lucas Carvalho Lima Teixeira** explora o tema do mal radical levando em conta o advento do nazismo e do stalinismo. O autor então mostra como Arendt percebe que há uma modalidade de mal que não se coaduna à compreensão dada pela tradição descortinando, pois, outra origem intrínseca a tal fenômeno. Em “Além do arco-íris: uma reflexão sobre a trajetória do movimento gay”, **Ronaldo Adriano Alves dos Santos** retoma a história do movimento gay apresentando como este e suas demandas se comportaram em diferentes momentos de sua trajetória, a saber: 1) a década de 1960 com a “revolução sexual”; 2) a década de 1980 com as demandas emancipatórias do movimento e as consequências da epidemia de AIDS; 3) a contemporaneidade com as reivindicações pelo casamento civil igualitário. A hipótese do texto, orientada pela crítica de Deleuze e Guattari ao capitalismo, é que esse movimento atuou de forma revolucionária no interior de tal modo de produção, produzindo descodificações e desterritorializações, mas que, de modo geral, sucumbiu às investidas do sistema, sendo historicamente reterritorializado na própria axiomática capitalista. **Katriel Luiz Kochem** apresenta uma introdução ao conceito de poder por intermédio da filosofia de Foucault, especialmente baseado na obra *Microfísica do poder*, em seu artigo “Existe um conceito universal de poder para Foucault?”. O autor distingue Estado de poder apresentando como o poder opera sempre em relação com saberes. O texto conclui que o poder é algo fluido, de extrema importância em tudo que se possa pensar relacionado à sociedade. “A Hermenêutica e o Romantismo Alemão” são tematizados por **Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães** por meio da arte da

interpretação criada por Schleiermacher, o principal representante da perspectiva hermenêutica na filosofia. Na esteira do Romantismo Alemão, a autora aborda a importância da vivência subjetiva, o retorno aos vestígios do passado e da religião, o conceito de arte, a genialidade, os dualismos e o desejo de unidade, que tanto marcaram a alma romântica e a hermenêutica. Em “O lugar da analítica existencial no projeto heideggeriano de uma ontologia fundamental”, a ex-petiana, agora mestranda do PPG-Fil da UNIOESTE, **Katyana Martins Weyh** expõe os termos do programa da ontologia fundamental heideggeriana. Para tanto, a autora recorre à obra *Ser e tempo* (1927), em que Heidegger, de um lado, firma a necessidade de voltar à metafísica tradicional para compreender como esta interpreta a ontologia e de que modo lida com a questão ontológica; de outro lado, apresenta a ideia central da ontologia fundamental mostrando em que medida ela difere da ontologia tradicional. A partir desses dois movimentos, Weyh apresenta os subprojetos de *Ser e Tempo*, pertencentes ao projeto da ontologia fundamental, a saber: destruição da história da ontologia, hermenêutica da facticidade e a analítica existencial. Orientados pela filosofia de Deleuze e Guattari, **Fábio Batista** e **Ester Maria Dreher Heuser** fazem algumas “Aproximações à máquina capitalista”. Para tanto, exploram as relações entre capitalismo, psicanálise e Estado para, então, apresentarem possíveis linhas de fuga a esta articulação dominante. Além daqueles filósofos, os autores recorrem ao pensamento de Allen Ginsberg e Nietzsche defendendo, portanto, que, ainda que o capitalismo tenda sempre a expandir os seus limites, é do interior dele próprio que se traçam as linhas de fuga que lhe escapam. Afinal, para os autores, não há sistema capaz de impedir, em absoluto, a fuga do desejo.

É principalmente a respeito dessas “fugas a axiomática capitalista” que a **Secção Escritos com prazer** está composta. Nela, dois movimentos musicais distintos são apresentados, ao menos em suas gêneses, como algo que nasceu como forma de resistência ao Capital e ao modo de vida por ele determinado. Tratam-se do Funk, abordado por **Cristiane Picinini** em “Ensaio sobre a forma revolucionária da música *funk*”, e da Tropicália que tem sua história retomada e seu caráter revolucionário afirmado por **Luis Fernando de Carvalho Sousa** no texto “A revolução tropicalista e a axiomática capitalista”. Os autores mostram que os dois movimentos musicais acabaram por ter o mesmo fim: perderam a dinâmica e o ímpeto revolucionários, na medida em que a axiomática capitalista operou de maneira a fazer com que os fluxos descodificados fossem colocados em função do lucro e da manutenção do sistema, que é caracterizado por sempre conseguir alargar seus limites de produção. Outra manifestação artística em tela é a pixação, apresentada por **Fabiana de Jesus Benetti**, em seu texto “Pixo: a tinta e o fluxo que escorrem” como um ato de enfrentamento aos padrões e sistemas estabelecidos na sociedade atual. A autora caracteriza essa forma de expressão e a distingue do graffiti que já se transformou em mercadoria, enquanto o pixo mantém a “essência

da sua atividade”: uma produção marginal da rua de caráter subversivo. Apesar de tratar de aspectos legais e considerar os pesados juízos de valor sobre o pichador que costumamos formar, a autora apresenta elementos positivos do pixo do ponto de vista daquilo que é capaz de escapar à axiomática capitalista, especialmente que o pixo confere presença às pessoas que fazem dele a marca de um existir no resistir. Com a apresentação do caso de “ataque ao capitalismo financeiro” operado por Eric Durán a instituições financeiras, na Espanha em 2008, **Paulo Roberto Schneider** defende a desobediência civil em “A desobediência civil: ‘uma liberdade perigosa a uma servidão pacífica’ no *socius* capitalista”. O autor expõe as estratégias usadas pelo ativista para combater o sistema financeiro e viabilizar uma construção alternativa ao *modus operandi* atual. Para ele, tais estratégias, ainda que sejam freadas pela axiomática capitalista, dão a ver novos fluxos em erupção indo ao externo do próprio capitalismo financeiro, os quais são explorados com base na filosofia de Deleuze e Guattari. É a respeito da complexidade da formidável máquina de desejos que é o Capitalismo, dos seus limites e defeitos que **Elissa Gabriela Fernandes Sanches** trata em “O capitalismo é também uma máquina imperfeita: uma breve reflexão sobre a axiomatização do capital”. Em seu ensaio, a autora está mobilizada por apontar uma falha que não tenha sido corrigida em nenhum momento da história e o faz a partir de um diálogo entre Deleuze, Guattari e Hannah Arendt, com sua especial concepção de “mundo”. Em um criativo movimento de livre leitor, **Henrique Zanelato** tenta estabelecer uma analogia entre Hesíodo e Deleuze/Guattari em seu texto “*Teogonia e Anti-Édipo: uma aproximação*”, especificamente no que se refere aos três *socius* que a dupla francesa concebe para pensar a constituição de uma história universal no terceiro capítulo da obra *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, intitulado “Selvagens, Bárbaros, Civilizados”. Por fim, **Junior Cunha** se debruça sobre o ensaio nietzschiano *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* no texto “A verdade em Nietzsche: a aporia das convenções” e trata dos conceitos de verdade, mentira, moral, intelecto e, sobretudo, do impulso à verdade.

Em sua **Secção de Resenha**, a Revista edita a contribuição do professor doutor Edgard Vinícius Cacho Zanette, também ex-petiano do Programa, relativa à obra coletiva organizada por Kim Sang Ong-Van-Cung *Descartes et la question du sujet*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999. 168p.

A **Secção de Tradução** vem neste quinto volume com um texto clássico de Descartes. Trata-se da *Carta dirigida a Silhon* (datada de março de 1637), traduzida sob os cuidados, do professor Edgard Vinícius Cacho Zanette (UERR).

Por fim, em nome da *Diaphonía*, o professor Claudinei Aparecido de Freitas da Silva presta uma homenagem (*in memoriam*) ao professor Hugo José Rodhen, falecido a 12 de março de 2017. Trata-se de um dos colaboradores pioneiros cuja

biografia se confunde, em grande parte, com a história do Curso de Filosofia na UNIOESTE.

Dito isso, com seu quinto número, a Revista alavanca, mais uma vez, seu espírito formador, plural e dialógico. Que todos sejam bem-vindos! Ótimo experimento de leitura!

Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

Profª Drª Ester Maria Dreher Heuser

(Editores)